

humanitas



Vol. XXXI-XXXII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXI-XXXII



COIMBRA

MCMLXXIX-MCMLXXX

resumo latino que acompanha a entrada do seu nome. O mesmo acontece com outras figuras ou povos. É certo que indicações deste género se podiam recolher já em certas edições mais antigas. Mas não havia o cuidado de registar também, em índice próprio, conceitos fundamentais para a história da cultura, como *ἀρετή* (quer para os Gregos, quer para os Romanos), *δημοκρατία*, *δικαιοσύνη*, *δόξα*, *ἐδδαμονία*, *πολιτεία* — para só citar alguns exemplos. O historiador da ciência ficará grato por encontrar a lista de referências aos eclipses do Sol e da Lua. O apreciador de aforismos terá o benefício de uma coluna quase inteira de provérbios. O linguista achará rapidamente dados importantes sobre palavras latinas, como *uicus*, *pons*, *flamen*. Em resumo, uma obra que os estudiosos da Antiguidade em geral e do séc. II em especial não poderão dispensar.

M. H. ROCHA PEREIRA

A.-J. FESTUGIÈRE, *La vie spirituelle en Grèce à l'époque hellénistique ou les besoins de l'esprit dans un monde raffiné*. Coll. Empreinte. Paris, A. et J. Picard, 1977. VI + 223 pp.

Poucos autores seriam capazes de conciliar, como o P.^o Festugière, o rigor e riqueza de informação com a capacidade de relacionar os dados e de os expor de uma forma elegante e atraente, como sucede neste livro.

Tão complexa como importante para a formação da cultura europeia, a época helenística tem constituído ultimamente objecto das atenções de muitos estudiosos, nem todos bem sucedidos. Não é esse o caso da presente obra, que, utilizando dados variados da Comédia Nova e dos géneros literários menores, designadamente os idílios, os mimos e os epigramas, os conjuga de modo a dar um grande fresco da vida grega nos últimos séculos antes da era cristã.

O próprio autor declara, aliás, modestamente, que não pretendeu fazer uma síntese, mas sim dar as duas faces da época: «um mundo sem inquietações», que corresponde à atitude predominante; e o «mundo inquieto», que revelam os jovens numa altura em que a *polis* se dissolve. Estão assim delineadas as duas partes do livro, das quais a primeira abrange as «pessoas de pouca monta»; cidade e campo; em casa dos grandes deste mundo; uma religião sem inquietações; as devoções particulares; o sentimento da natureza. A segunda parte conta quatro capítulos: o sentido do estilo de vida dos Cínicos; conversões; 'nox est perpetua una dormienda'; as inquietações de um jovem pagão; de Cipião Emiliano à Boa Nova de Cristo. Em apêndice, um pequeno estudo sobre Catulo (em cuja exactidão destoa a antiquada nomenclatura de versos «logaédicos», p. 191), acompanhado de uma antologia do poeta em tradução.

O capítulo mais sugestivo é talvez o primeiro, em que se trata da vida do homem helenístico vulgar, da infância à efebria, na juventude, na escolha dos caminhos na

idade adulta. Partindo dos mimos de Herondas, de epigramas da *Antologia Palatina*, de textos de Plauto, o A. consegue formar um todo coerente e convincente. Para o capítulo segundo, é naturalmente Teócrito (quer nos mimos quer nas bucólicas) e os bucolistas menores que fornecem o material de base (embora a antinomia cidade-campo também pudesse ser exemplificada com o *Discolo* de Menandro). A religião «sem inquietações» é reconstituída principalmente através dos hinos de Calímaco, do péan de Liménio e do de Isilo de Epidauro. «Não se tem a impressão, nem por um instante, que Calímaco tenha sido um homem piedoso» — conclui sensatamente o A. na p. 77.

É na *Antologia Palatina* que, ao lado de epigramas artificiais, encontra outros que testemunham a devoção particular. Vale a pena traduzir o passo em que o conhecido especialista da religião grega explica as causas do lugar preponderante atribuído a Pã, a partir de um epigrama atribuído a Platão (*A.P.* IX. 823): «É preciso tentar sair da abstracção, é preciso tentarmos fazer ideia do que concebia o Grego quando pretendia, à tardinha, ouvir Pã no fundo dos bosques. É que, à tardinha, tudo murmura no fundo dos bosques [.....] Antes de se fazer completo silêncio, mil sons se misturam e se confundem. E, aqui ainda, a imaginação do Grego, que gosta de personificar, entra em acção. Donde vêm estes ruídos, uns doces, outros mais fortes, senão de um pequeno deus escondido na floresta e que faz ouvir as suas flautas? Os Gregos são crianças grandes. E a mesma característica que faz com que a efabulação pueril transforme factos reais numa ficção imaginária leva-os a transformar fenómenos da natureza em personificações míticas [.....] O homem não está só na natureza; tem necessidade de um companheiro prestável ao seu lado; tem o sentimento da presença desse companheiro nos lugares sagrados; ouve-o, à tardinha, tocar flauta quando tudo está em silêncio. Chega desse modo a prestar reverência a um deus familiar que não é nenhum dos grandes deuses, com o qual se sente em comunhão mais íntima e que, de puramente fictício, adquire carne e osso e se torna Pã» (p. 81).

O multiforme Teócrito e Herondas são habitantes aproveitados para reconstituir as «cenas da vida familiar». Em contrapartida, é à *Antologia Palatina* que vai buscar trechos que exprimem o sentimento da natureza, agrupados sob as rubricas «*fátigatus ab itinere*» e «o mar», para depois fazer o confronto com a paisagem de Teócrito e concluir que, num e noutro caso, a poesia tende a convidar ao repouso, à evasão (p. 122).

O capítulo sobre o sentido da vida dos Cínicos contém, ao lado de observações bem fundamentadas, algumas finas ironias endereçadas aos seus representantes modernos. Um ar de permanente actualidade é, de resto, um dos grandes atractivos desta obra bem documentada, escrita com finura, objectividade e discreto humor.